

Rosa Beatriz de Assis Ferreira

AQUELES MEUS MEDOS



Rosa Beatriz de Assis Ferreira

AQUELES MEUS MEDOS





A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Aqueles meus medos

Copyright © 2017, Rosa Beatriz de Assis Ferreira
Todos os direitos são reservados no Brasil

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 - sala 1110 – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
Faça seu pedido pelo site: www.podeditora.com.br

Diagramação e Capa:

PoD Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Impressão e Acabamento:

Márcio Marastoni

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F443a

Ferreira, Rosa Beatriz de Assis
Aqueles meus medos / Rosa Beatriz de Assis Ferreira. 1a. ed. – Rio de Janeiro : PoD, 2017.

68 p. ; 21 cm.

ISBN : 978-85-8225-150-8

1. Ficção brasileira. I. Título

17-45531

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)-3

19/10/2017

Dedicatória

Agradeço a Deus e a todos os que estão lendo meu trabalho. É um combustível saber que pessoas apreciam aquilo que eu escrevo. Isso me motiva a levantar e a escrever por mais um dia.

Além de vocês e de minha família, eu gostaria de ressaltar a minha avó paterna. Ela é quem me inspira todos os dias, me motiva a acordar e a ver o bom naquilo que é ruim. Ela me inspirou a ver as “Eves”: abraçá-las, aceitá-las e inspirá-las, com a certeza de que vencerão.

Apresentação

Este livro é uma obra de ficção em que os fatos que foram gestados na minha observação do meu mundo circundante foram, por sua vez, materializados por personagens também fictícios.

O motivo pelo qual eu compus a Eveleen foi o medo. Eu tinha medo de tudo. Medo é o que nos paralisa, e é o que impediu Eve até mesmo de seguir vivendo.

Eveleen era uma “estrela” da Broadway, até que um brutal acidente muda totalmente sua vida e, somente seu melhor amigo, Willian, permanece ao seu lado, nela acreditando e oferecendo apoio.

Através de Eve, demonstro o deserto, a dureza que o “medo” e o “desamor” provocam no interior de uma pessoa.

Eu gostaria que todos que lessem estas páginas se sentissem motivados a ajudar outras tantas Eves a continuar lutando pela vida.

Eu amo cada parte e cada parágrafo do meu livro e espero que gostem tanto quanto eu. Espero que ele traga esperança para seus corações e lhes deem força, vontade para ver e para respeitar essas pessoas que lutam todos os dias contra suas dores.

Procuo demonstrar a força dos sentimentos e das emoções sinceras que atingem as fibras mais profundas do ser humano, levando-o ao desejo de renovação.

Acredito e demonstro que somente o amor sincero, verdadeiro, tem a força capaz de cicatrizar feridas abertas, criando caminhos para novas oportunidades.

A autora

Sumário

Dedicatória	5
Apresentação	7
O lustre	11
Menina grande	15
Queimando	19
Saudades de amar	22
Sua refém	26
Em direção ao declínio	31
Nosso jogo	36
Coração esmigalhado	41
O animal em mim	47
Fogo e gasolina	53
Recomeço	56
Vestida de branco	64

O lustre

Sentada, esperando sozinha em uma mesa reservada na Eleven Madison Park. Batendo meu *scarpin* preto de couro da Michael Kors na perna da cadeira de madeira bem polida. A unha da cor vinho escuro, na mesma cor do vinho, na taça de cristal que tilintava em um ritmo mais impaciente que eu mesma. Não vou chorar só por um furo de uma pessoa assim.

Eu não vou sentir, eu mudei — agora sou festeira e garotas festeiras não se magoam, por mais que meus olhos digam outra coisa. Quando afinal eu irei aprender que não devo ser tão fraca? Tudo o que aconteceu esses dias não me ensinou nada? Todo o meu sofrimento não me mostrou a realidade?

O barulho dos meus sapatos batendo na madeira, combinado com o atrito das unhas na taça, faz surgir uma música legal; continuo assim. Chamo o garçom e peço mais e mais bebidas. E nada do meu celular tocar.

Um, dois, três *drinks*...

Cada vez mais os tomando, perdendo as contas e vendo tudo girar. Várias garrafas em cima da mesa particular. Olho para cima, de onde vinha uma luz forte, e vejo um lustre: era completamente de cristal e havia uns diamantes que, quando entravam em contato com a luz, reluziam uma espécie de luz da manhã.

Ele girava em um ritmo maravilhoso, enquanto minha mesa se enchia de copos vazios e minha garganta ardia com o gosto da bebida.

Me pego admirando o lustre ainda girando, enquanto tudo também girava ao meu redor. Ninguém, além do garçom, estava lá, e eu me divertindo com o mundo girando e o lustre também.

Virando os copos, fecho os olhos com uma música engraçada na cabeça.

Um, dois, três. Um, dois, três *drinks*...

Tudo está turvo e meu vestido preto Versace 2014 está com cheiro de álcool. Me divirto com meu próprio sofrimento. Na minha cabeça, o sentimento de perder tudo aqui vem de novo, e infelizmente cai uma lágrima que, para sair, tenho de abrir os olhos, estes agora rasos pelas lágrimas; vejo aquela figura conhecida, misturada com o cheiro de perfume masculino bem marcante, sorrio de maneira sacana e ele me olha assustada.

— Eve, eu te disse para esperar essa hora, e não para vir antes e encher a cara! Meu Deus, você não pode fazer isso, está em processo de reabilitação. Você é louca menina? — Não li-guei para a metade do que disse, estava mais interessada em ver o lustre, então eu assim fiz: encostei naquele pequeno pedaço de cristal e peguei mais um copo, mas ele o tirou da minha mão e jogou o líquido fora, batendo em seguida o copo na mesa, quase o quebrando e me dando um susto. Xingo-o mentalmente pelo barulho e só sinto uma mão me puxar. Ainda lembro dessa mão áspera passeando na minha pele, fazendo carinhos; mas a única coisa que sinto é a dor da brutalidade com que me puxa, estranharia se eu não soubesse seu tamanho e força.

Já em pé, vejo ele pagando algo para o garçom e vou ao encontro do lustre, ainda dançando de seu jeito engraçado; toco no diamante saliente e vejo umas gotas de sangue caírem dos meus dedos aos poucos. Agora, minha marca vai estar aqui até alguém limpar. Com raiva, seguro nos fios do lustre e tomo um pequeno choque, dou um grito de surpresa e de dor. O lustre apaga junto com o resto de luz da minha vida.

Tento ficar em pé, mas é difícil com a tontura, e as mãos doídas me seguram como um abraço e me levam para a rua novamente, lugar onde a luz do lustre se transforma nas luzes da rua.

— Eve, nunca mais me faça passar por isso! Gastou

US\$70,00 em bebidas, sem falar no lustre que você quase destruiu.

— Eu te odeio. Boto a mão no seu ombro e tiro meus saltos, fico descalça, entrego a ele meus sapatos e ando olhando para a luz da cidade que nunca dorme. Deixo ele parado e paro no meio do caminho, mais ou menos uns dois metros de distância dele; me viro e o encaro.

— Willian, se você me odiasse, me deixaria morrer naquela mesa, mas você me trouxe de volta. Também te amo, meu velho e rabugento amigo sem graça. — Sorrio ironicamente e ele anda até mim em passos largos, ficando a centímetros de mim.

— Convencida! Não pode mais beber, você sabe disso, então por... — Interrompo-o com o dedo em sua boca, já entendendo o recado.

A rua estava vazia, somente com alguns *pubs* abertos e ninguém na rua.

— Eu quero viver! Quero viver como se não existisse o amanhã. Quero lembrar da luz que aquele lustre me trouxe com o ritmo de sua dança e dançar com ele. Eu perdi tudo, me deixe viver. — Sinto uma lágrima solitária descer do meu rosto, mas logo se mistura com os chuveiros que caíam.

Um, dois, três, mil, milhares de chuveiros molhando o meu vestido, entrando em meu cabelo e deixando-o para baixo, molhavam meu amigo também.

Saio dançando e pulando na chuva até um certo ponto. Ele está com vergonha, e estou com vergonha também

Vendo as luzes turvas e, sentindo meu hálito ainda quente com cheiro de bebida, sinto as gotas de chuva congelando meu corpo a cada toque. Sinto a respiração de Willian logo atrás de mim.

— Willian, se eu cair para trás você me segura?

— O quê? — Me jogo para trás em seu colo e ele logo me segura firme, como se eu fosse um bebê, gemendo de dor pelo esforço empreendido para me segurar.

Fecho os meus olhos.

— O que está fazendo? — Sorrio com a água caindo no meu nariz.

— Sentindo... — Sinto as luzes no meu corpo, as mãos do Will, meu cansaço e minha vida passando. Sinto a chuva se misturar às minhas lágrimas, entrar e se infiltrar na minha roupa e na minha pele.

Sinto o lustre me dando a vida que eu não tinha, a luz no fim do túnel. Sinto o meu corpo relaxar e não sinto mais nada.



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

2017